

MINHA ESCOLA CABE NA MINHA LENTE

Christiane Jaroski Barbosa (FACOS-RS)
christianejb@gmail.com

Cristina Maria de Oliveira (FACOS-RS)
crismariadeoliveira@gmail.com

Maurício de Camargo Barbosa (FACOS-RS)
mauriciocamargo65@gmail.com

Introdução

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência –PIBID, promovido pelo Centro de Aproveitamento de Pessoal de Ensino Superior -CAPES e pela Faculdade Cenequista de Osório –FACOS, por intermédio do subprojeto de Letras, o *Projeto Minha Escola Cabe na Minha Lente* foi desenvolvido numa escola municipal na cidade de Tramandaí, região litorânea do Rio Grande Sul. O objetivo foi trabalhar a oralidade, a leitura e a escrita através da fotografia capturada pelo olhar subjetivo de cada estudante.

Percebemos, em observações realizadas em salas de aula de escolas de Ensino Fundamental do Litoral Norte gaúcho, que nossos alunos têm um domínio da língua materna, contudo, apenas utilizado em conversas paralelas com os colegas, pois sentem-se envergonhados e recusam-se a apresentarem trabalhos ou falarem para um público. Questionamos, assim, o que leva os adolescentes a sentirem-se tão intimidados perante aqueles que não fazem parte de seu grupo de amigos e qual o papel do trabalho com a oralidade no desenvolvimento da autoestima e autoconfiança dos estudantes, moradores de um bairro de classe baixa e, muitas vezes, sem grandes perspectivas para o futuro.

Pensando nessas questões, é que surgiu a possibilidade da construção de um projeto que atraísse os estudantes. Já que estamos na ‘era da imagem fotográfica’ e grande parte dos alunos possuem celulares com câmaras, escolhemos trabalhar com a fotografia. Através dessa linguagem, pôde-se desenvolver a criatividade, a criticidade e a construção de autoria em turmas de oitavas séries.

O artigo apresenta a seguinte estrutura: primeiramente, apresentaremos algumas questões que deram suporte teórico à pesquisa. Num segundo momento, mostraremos os passos do projeto. Logo após, foram selecionadas algumas fotografias (de lugares simples e antes despercebidos transformados em arte) com os respectivos textos construídos pelos alunos e, finalmente, análises dos resultados e algumas reflexões.

1. Reflexões sobre *oralidade & imagem fotográfica*- diferentes contribuições sobre as múltiplas linguagens como vivências culturais na escola

O ensino do oral, timidamente admitido no espaço escolar como objeto de estudo, requer especial atenção em relação às nuances da complexidade dos elementos constituintes da oralidade - meios linguísticos e paralinguísticos -, bem como a possíveis recursos de outras múltiplas linguagens que possam dar suporte interativo no processo de construção de sentido(s) à fala, de ambientação do falante no contexto comunicativo, de desafios à construção de autoria

no discurso, entre tantos outros possíveis aspectos de serem estudados. A palavra falada merece e necessita de lugar de destaque na escola, superando o tradicional apagamento pela ênfase à escrita.

Entre os muitos elementos, pois, que constituem o contexto da fala, e os diferentes enfoques para o ensino da língua falada, no presente estudo, tecemos algumas reflexões sobre a articulação imagem – através da fotografia -, como um possível norteador e desencadeador de sentido com autoria sobre *o que falar na escola* e, na continuidade da ação escolar, também como um constituinte significativo para *sobre o que escrever na escola*. Parafraseando uma preocupação pedagógica frequentemente evidenciada na escola, o que propor para falar e o que propor para escrever. Nesta presente reflexão, atentaremos à fala como língua natural, materna e também aprendida na escola.

Consultando estudos de Castilho (1998/2001), ao se referir aos primeiros enfoques à Teoria Modular da Língua (Morris, 1938) e, posteriormente, a complementação quanto às relações de determinação entre os módulos (Franchi, 1976/1991), resumidamente referimos: a fala, ao ser considerada uma língua natural, compõe-se de três módulos – o discursivo, o semântico e o gramatical.

No primeiro, já podemos reconhecer a contribuição da fotografia como um elemento constitutivo da intersubjetividade no momento da enunciação: o locutor/aluno realiza, na escolha do objeto/ponto a ser fotografado, a seleção, a elaboração do tópico conversacional de seu discurso.

No segundo, o módulo semântico apontado na Teoria Modular, evidenciamos o processo de significações interacionais – as referências que se plastificam pela imagem fotografada e que formam parte das pressuposições constituintes da fala.

E, como último aporte da referida teoria, o gramatical, a observação da surpresa que causa o objeto/ato fotografado e que desencadeia uma fluência fonológica, uma empolgação por falar, superando inibições, divergências na tonicidade, variedade lexical, etc.

Mesmo que, numa abordagem quase que exageradamente genérica, que evidentemente é detalhada em outro momento deste estudo investigativo, podemos articular a proposta de ‘fotografar na escola’ como um exercício ao desenvolvimento da oralidade enquanto contribui à constituição do discurso, às significativas referências e ao falar com propriedade.

Mas o que é fotografar? Que magia desencadeia esta ação?

O renomado francês Henri Cartier-Bresson (1968, *apud* Galassi, 2010), entre seus inúmeros e significativos depoimentos, comentou que *fotografar é colocar, na mesma linha de mira, a cabeça, o olho e o coração*. Reconhecendo a riqueza dessa afirmação, identificamos um sentido possível de ser construído *pela e com* a ação de fotografar no processo de escolhas de temáticas à fala no espaço escolar.

O desafio para fotografar, que é recebido com espontaneidade pelos estudantes nos atuais cenários de convívios eletrônicos, requer escolhas que implicam saber apreciar um determinado local, ao enxergar nele (por mais simples que seja) um potencial significativo ao discurso que está se constituindo. Na simplicidade das coisas curiosas que podem ser encontradas na escola, pode ser identificadas significações no contexto da memória escolar, ou apenas, e também significativa, a valorização da simplicidade que talvez, no cotidiano, por longo tempo, ficou anônima e não percebida. O fotografar gera vida ao estático porque foi valorizado pelo fotógrafo/enunciador, ao mesmo tempo em que valoriza a autoria deste enunciador.

Conforme Dubois (1993, p.174), “o corte temporal reduz a temporalidade decorrida a um só ponto e perpetua o que ocorreu uma só vez. Esta paralisia temporal que retorna a um contexto

na fala produz a magia, o encantamento para novas escolhas que irão produzir novas falas e assim sucessivamente. E, num contexto de um grupo de alunos adolescentes, o professor poderá observar o emergir da fluência verbal, da alegria contagiante que gera curiosidade e vontade de fotografar mais e de, em consequência, falar mais sobre o que fotografou.

Ou seja, a fotografia constitui-se em um elemento constitutivo do discurso, articulando inúmeras referências ao diálogo, não somente pelo enunciador falante/ autor da fotografia, como também num confluência de falas pelos falantes/observadores dos objetos/cenas fotográficas – uma ação dialógica (Bakhtin, 2003) que contém em um de seus constituintes a imagem da fotografia que se descongela no ato da fala.

Na interatividade das falas sobre as fotografias são geradas opiniões que provocam a socialização de argumentos. Segundo Breton (1999), opinião é

Um ponto de vista que sempre supõe um outro ponto de vista possível ou que, num debate, se opõe a outros pontos de vista (daí a existência da argumentação). O que é uma informação, senão um olhar sobre o real que tende a ser único, a ser a síntese de testemunhos concordantes? Pode-se dizer que isto não existe, que a informação é sempre subjetiva, pois é produzida por seres humanos. (p.42)

Concordando com o dito pelo autor, a imagem da fotografia consiste na informação; no entanto, havemos de reconhecer que foi gerada pela escolha, pela intencionalidade, pela emoção, pela subjetividade do ‘humano’, do aluno/enunciador.

O desafio para fotografar *o que poderia ser curioso de ser identificado na escola* permite dar ‘asas ao imaginário’ e a uma ação com certo viés poético. A escolha, a decisão articula com a intencionalidade e alimenta o imaginário (DURAND, 2000).

Já a plasticidade da imagem possibilita a interlocução no diálogo porque permite novos olhares que se assomam entre os olhares dos espectadores, até possíveis de divergirem da intencionalidade do fotógrafo/enunciador, constituindo-se, assim, um elo ao diálogo.(DUBOIS, 1993).

O desafio para fotografar compreende a busca de animação de recantos escolares inanimados – fixadas visualmente / animação do cenário e cumpre a função discursiva dos ícones visuais: a função discursiva e representacional.

Ressaltamos que a fixidez registrada na imagem da fotografia passa a se constituir em uma etapa da narrativa oral: o processo inicia no desafio à curiosidade, à descoberta do que talvez antes não significava e que passa a ser significativo mediado pelo instrumento que recorta do todo um detalhe, um elemento. No momento em que é decidido ‘a foto será aqui’, já está sendo constituída uma narrativa que se exterioriza pela plasticidade e pela palavra que delimita a vontade de socializar a compreensão com um elemento visual do discurso que tem, na fotografia, um operador narrativo que pode gerar múltiplas compreensões. Identificamos, então, o discurso, a semântica e a gramaticalidade, pois a narrativa oral, além dos elementos de fonologia, também requer organização lexical, funcionalidade sintática para cumprir sua finalidade comunicativa.

Mas, a plasticidade da imagem não limita a criatividade da ação discursiva?

A criatividade está no ângulo da imagem, na aproximação, no destaque do detalhe, o que confere autoria ao enunciador/fotógrafo. Mesmo que a ação de fotografar não permita ‘criar’, sem uso de recursos tecnológicos de alteração, melhoramentos da imagem, pois, na fotografia a criação é uma ação técnica, do recurso da câmara, a criatividade perpassa a imaginação na decisão, na escolha do que fotografar. Podemos, portanto, reconhecer a contribuição da ação de fotografar para o desenvolvimento das habilidades de criação e de imaginação como

constitutivos da competência de falar bem ou, como se ouve dizer na escola, do saber falar.

Havemos de reconhecer, no entanto, alguns limites que o ato de fotografar impõem ao alcance de um resultado esperado. Dentre esses, os recursos tecnológicos dos equipamentos e a necessidade de uso da luz – natural do ambiente ou provida pelo recurso da câmara – , que requerem um movimento de imaginação: o aluno, como enunciador constituinte de seu discurso, precisa imaginar como ficará o ponto que escolheu iluminar; em outras palavras, ele também ilumina/imagina, antes ou durante a ação de fotografar; e, se o resultado não confirma sua imaginação, ele ‘tira outra foto’, e assim sucessivamente, até conseguir esta satisfação/complementação do que está compondo/planejando. Pode até ser surpreendido com o resultado de sua própria ação, e que o leve a mudar seu plano a partir do resultado da imagem. Estará, pois, desenvolvendo a habilidade de crítica, talvez até tendo que criar um outro discurso, que substitua o anterior. Constituiu-se, nesse procedimento de substituição ou de adaptação, um diálogo com seu próprio discurso anterior. Mais uma vez evidenciamos o dialogismo discursivo neste processo.

Exige tomada de decisão – o que fotografar; um julgamento/ criticidade: este ângulo, cena, objeto serve ao meu propósito?, o que vai contribuindo para desenvolver competência na resolução de problemas, em que a tomada de decisão é primordial. Cumpre, pois, o papel da escola e, por sua vez, do professor no ato de ensinar, que consiste na promoção da consciência emocional e social do aluno, respeitando diversidade de cada e diversidade de ações. O resultado de tal aprendizagem poderá ser percebido no ato da fala.

Identidade do enunciador é essa relação de um instante interno que se lhe constituiu um significado com a imagem externa registrada –marca de autoria; apresenta, pois a fotografia elementos de individuação e, por isso, a fotografia na escola pode ser considerada uma ação de etnografia visual... oportunidade de participar da cultura do instantâneo (Burke), porém o desafio do professor na sequência didática(SD), nas oficinas agregará valores, significações que perpassam o plano iconográfico da descrição, configurando-se numa narração. Daí a importância do texto escrito, etapa posterior, um novo olhar sobre o registrado...

O aluno pode dar-se conta de que a construção de sentidos é um continuum na ação de fotografar, que vai desde uma intencionalidade inicial, passando pela imagem registrada, uma análise iconográfica à análise iconológica em que podem ser lhe atribuídos diferentes sentidos; sentidos para os expectadores, mesmo sendo esses os próprios operadores da fotografia.. Nesse processo, a fotografia passa a ser o canal físico que motiva, estabelece, garante a comunicação com o espectador.

Compõe este estudo um corpus iconográfico constituído por fotografias, assomado às suas descrições em palavras, que registram ações e escolhas de adolescentes/enunciador no seu olhar sobre a escola. Questiona-se primeiramente que olhar é este que leva o enunciador à decisão do espaço/objeto a ser fotografado? O que poderia representar para ele a fotografia?

2. O projeto *Minha Escola cabe na minha lente*

O projeto *Minha escola cabe na Minha Lente* foi idealizado com o objetivo de tirar o aluno da sua rotina de sala de aula, contextualizando uma experiência que após seria utilizada como material e apoio didático para a produção textual e para trabalhar a oralidade. Com a justificativa de que, fotografar é saber apreciar um determinado local, enxergar nele (por mais simples que seja) um potencial. É identificar na simplicidade das coisas a sua riqueza ou apenas valorizar a sua simplicidade. Saber apreciar uma foto é saber interpretá-la considerando o contexto em que

está inserida, é saber identificar significados dentro da sua subjetividade.

O objetivo geral centrou-se na ideia de proporcionar aos alunos a capacidade de utilizar a fotografia de forma inteligente e prazerosa, manifestando e expressando sua personalidade nos ambientes escolares, pois fotografar é uma eficiente maneira de demonstrar e manifestar a sua percepção em relação ao meio em que se vive. Cada pessoa reage às situações corriqueiras de maneira diferente. Ao fotografar o lugar onde passa grande parte do tempo, onde se relaciona com colegas e amigos, onde busca um conhecimento, estará, de certa forma, representando através da foto suas insatisfações e também satisfações com aquele ambiente, nesse caso, a escola. E quando essas diferentes percepções são postas a serem analisadas e discutidas pelo grande grupo, acabam por socializar os pontos de vista e induzir a uma reflexão sobre suas ações.

A realidade da escola é bastante difícil, fica localizada em um bairro de grande maioria carente, de muitos casebres improvisados e condições precárias de estrutura e saneamento. Naturalmente, as crianças crescem sem uma estrutura familiar adequada que lhes proporcione uma base educacional, cultural e muito menos financeira. Por isso, a ideia de sair pela escola em busca de um ponto atraente manuseando uma câmera fotográfica, provocou grande entusiasmo.

O ponto de partida foi a apresentação do projeto, com algumas fotos como demonstração do que teriam que fazer. O segundo passo foi sair com a turma pela escola, tínhamos apenas uma câmera fotográfica, então, os alunos tiveram liberdade para andar e vasculhar as dependências da escola e, quando encontravam seu ponto a ser fotografado, chamavam o responsável pela câmera. Depois que todos haviam tirado suas fotos, partimos para a edição, cada um editou sua foto da maneira que achou melhor.

Tiradas as fotos, partimos para a segunda parte do projeto, em que os alunos tiveram que elaborar uma produção textual para descrever a imagem. Como finalização do projeto, estava previsto uma exposição das fotos na escola em que cada aluno apresentaria sua produção.

A intenção da exposição era que, ao apreciar a imagem, o espectador/observador se encantasse com o que visse e não conseguisse identificar o que havia sido fotografado, a identificação ocorreria com a leitura do texto. Tivemos, então, uma exposição fotográfica com imagens abstratas e irreconhecíveis, onde conseguimos, por um momento, transformar lugares simples da escola em arte.

2.1. Analisando as imagens obtidas

Algo muito interessante que conseguimos observar com o término do trabalho, foi que as fotos não foram tiradas de qualquer lugar sem qualquer sentido, claramente observamos que os alunos se identificaram com suas fotos e tornaram a simplicidade do lugar escolhido em algo com real sentido para eles, como podemos observar nas seguintes imagens:

Imagem 1



Bom, para começar, minha foto foi tirada de um lugar particularmente inotável (palavra usada pelo autor do texto) e sem expressão. Eu estava passando pelo corredor perto de uma sala de aula e reparei em um pilar, aí notei que sem aquele pilar a escola não existiria, pois não teria equilíbrio para permanecer intacta. Para mim, ele é uma parte muito importante da escola e por isso quis fotografá-lo. Minha foto ficou boa, tirei de um furo que tinha bem no meio do pilar, depois de editada por mim mesmo, a foto ficou perfeita. Minha fotografia quer transmitir a seguinte mensagem: “ as coisas belas da vida estão na nossa cara, de bandeja. A felicidade está em todas as coisas, basta apenas querer enxergar.” (texto do aluno)

A imagem, como afirma o texto, trata-se de um vão entre dois pilares, parte da estrutura da escola e que, devido a edição e ao ângulo da captura, não fica perceptível. O aluno ressaltou a importância daquele pilar para a estrutura física do prédio, o qual, ao mesmo tempo, parece ser tão irrelevante no nosso dia a dia. Além disso, teve a sensibilidade de relacionar esse fato com a percepção do que significa felicidade, sugerindo que para alcançá-la basta querer enxergar e observar a sua volta. Coisas importantes podem passar despercebidas aos nossos olhos, o pilar sustenta o prédio e mesmo assim raramente paramos para pensar na sua importância, fatores importantes sustentam nossa existência e muitas vezes não atribuímos o valor estimado.

Imagem 2



Passei pela minha escola e vi um muro com uma mancha, mas parece que ninguém a vê, pois estão mais preocupados em julgar do que ajudar o próximo. Hoje em dia as pessoas julgam sem saber quem você realmente é, sem saber da sua dor, do seu passado. A diferença entre um muro e uma pessoa, é que um muro pintado tem conserto, mas uma pessoa não esquece jamais uma mágoa e não tem como passar uma borracha ou tinta. Não tem como fazer um curativo ou pegar os pedaços que sobraram e juntar, ou fingir que nada aconteceu. Por isso, para julgar alguém, tem que conhecê-lo ou, então, ser perfeito. Tem que olhar ao redor ou olhar para si mesmo antes de sair julgando.

A aluna teve um grande interesse pela pichação que viu no muro da escola, ela a relacionou com certas dificuldades da vida. Observando o comportamento da menina autora do texto foi possível perceber que ela possuía algumas dificuldades de relacionamento com os colegas, tinha poucos amigos e nunca se manifestava. Ela utilizou a atividade para fazer um desabafo e falar de seus próprios problemas. Qualquer um que olhasse para aquele muro veria simplesmente um muro pichado, mas as vivências da menina permitiram-na enxergar além. Ela produziu um sentido muito particular ao que via.

Imagem 3



Essa imagem me fez lembrar que sempre no meio de qualquer coisa, há uma bela flor. Ela despertou-me interesse por estar no pátio encostada à parede, e por ninguém ter tido a ideia de tirar uma foto dela antes, pelo simples fato de ela sempre passar despercebida. Fez-me pensar que mesmo escondida há uma bela flor no meio do nada.

O pequeno texto escrito pela aluna revela a delicadeza com que ela consegue encarar as situações do dia-a-dia. Sua foto traz a imagem de uma flor simplória que nasceu por acaso no pátio mal cuidado da escola. Dentro daquele espaço, a pequena flor foi o que lhe despertou interesse, e numa breve mensagem nos faz pensar e fazer ligações com diversos cenários da nossa vida. Sempre há esperança, por pior que seja sempre há algo de bom, por mais pobre que seja sempre há uma riqueza ou, nem tudo é de todo mal, sempre há algo de bom.

Essa interpretação pode ser comparada com o poema “A flor e a Náusea” de Drummond, que traduz a criação do poeta diante da dor e a miséria do mundo moderno, com seu mecanismo, seu materialismo e a falta de humanidade. O poema se encerra sugestivamente com o verso: “É feia, mas é flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”.

Fotografar é algo que revela silenciosamente a personalidade, pois, através do ângulo, das cores, da imagem, um mesmo local pode ser representado de diferentes formas, de acordo com a percepção e entendimento de cada um. Os alunos colocaram um pouco de si em suas fotos e divulgaram o ambiente escolar através de suas satisfações ou insatisfações, tanto com a escola como consigo mesmo.

Algumas reflexões

Atualmente as propostas de ensino têm se comprometido com o projeto de formação de um ser humano crítico e atuante. Sabe-se, no entanto que, para pôr em prática esse objetivo nas diferentes áreas e, em especial, na área de língua portuguesa, devemos transformar os conteúdos em estudos significativos para o aluno.

Apesar dos alunos já estarem na oitava série, ainda possuíam enormes dificuldades na escrita e produção textual. Porém, qualquer proposta de atividade não era o bastante para motivá-los, era preciso algo fora do comum e principalmente que os tirasse da sala de aula. A motivação

para escrever surge da necessidade de expressar-se, e a fotografia é a forma contemporânea mais utilizada para tal necessidade.

Dessa forma, foi preciso todo esse processo de contextualização para que os alunos tivessem uma real produção de sentido em relação à proposta, a fim de produzir, por menor que fosse, um gênero textual condizente com a prática realizada com as fotos.

As turmas de oitavo ano eram em geral agitadas e com dificuldades de concentração, o que dificultava a aprendizagem, apesar de serem comunicativos entre si, possuíam grande dificuldade de se expressarem em público, principalmente, e na apresentação de trabalhos escolares. Como este projeto mostrou-se interessante aos alunos, no momento da exposição das fotos, parece terem perdido a timidez, pois o que importava era apresentar/explicar aos visitantes o que significava aquelas imagens.

Considerações finais

Se o oral ainda não é reconhecido na escola, na sua perspectiva sociocultural, em que a interatividade do aluno com a fala contribui na construção de sua competência comunicativa, talvez seja porque ainda faltam compreensões sobre os constituintes da fala e da escrita como processo com elementos específicos e interagentes. Procuramos, pois, nesta reflexão, suscitar algumas discussões pedagógicas que, talvez, possam aguçar a necessidade de busca de mais informações sobre o tema.

Com a intenção de contribuir, destacamos que a fotografia, no conjunto, não se destaca somente por registrar a memória do espaço escolar, mas, e especialmente, por inserir alunos que fizeram a escolha dos pontos fotografados para constituírem essa memória em que fica registrada a autoria deles, mesmo que vários alunos tirem fotos de um mesmo objeto.

Conforme Maingueneau (2005),

[...] no espaço enunciativo, o Mesmo se constitui no Outro, o fora investindo o dentro, pelo próprio gesto de expulsá-lo; e porque, através de seu sistema de restrições, o discurso se encontra engajado em uma reversibilidade essencial com grupos, instituições, e, igualmente, com outros campos. Não há imagem simples que torne isso visível.(p.189)

Fotografar, mesmo como proposta escolar, rompe o ainda existente encapsulamento da atividade escolar e se aproxima mais a uma atividade social do cotidiano; isso motiva os alunos a participarem, incentivando-os à participação no social.

Consideramos que a fotografia é uma das linguagens que deveria estar mais presente na escola, nesta 'era da imagem fotográfica', uma vez que pode ser utilizada como um ato criativo, constituindo-se um desencadeador da criticidade e uma comprovação de autoria. Esses elementos – criatividade, criticidade e autoria – corroboram a habilidade /desenvolvimento da linguagem, neste estudo, da fala, articulada à sua competência discursiva; portanto cumpre o propósito de aprender na escola.

Referências:

BAKTHIN, M.. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997/2003.

BRETON, P. *A argumentação na comunicação*. (Tradução Viviane Ribeiro). Bauru/ SP: EDUSC, 1999.

CASTILHO, A.T. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2001.

DUBOIS, P. 1993. *O ato fotográfico*. Campinas, Papirus, 362 p.

DURAND, G. 2000. *A imaginação simbólica*. Lisboa, Edições 70, 111 p.

GALASSI, P. *Henri Cartier-Bresson: o século moderno*. (Tradução de Cid Knipel) São Paulo: cosacnaify, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos Discursos*. Curitiba/PR: Criar, 2005.